

ENTRE MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE: LIMITES E ALCANCES DAS INTERPRETAÇÕES SOCIOLÓGICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Júlio Marcente Carlos¹, Joaquim Américo Pinto Rocha²

Resumo: Este artigo analisa criticamente interpretações sociológicas da modernidade e da pós-modernidade na sociedade contemporânea, mobilizando contributos teóricos clássicos e contemporâneos. O objetivo é clarificar conceitos, delimitar abordagens analíticas e compreender como estas categorias explicam transformações na organização social, nos sistemas de valores e nas experiências subjetivas. O estudo justifica-se pela necessidade de interpretar os impactos da racionalização, da tecnologia e da globalização econômica. A metodologia é qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica e documental, recorrendo aos métodos histórico-lógico e de análise e síntese. Os resultados indicam que a modernidade envolve racionalização, reflexividade e padronização do tempo social, reconfigurando instituições e acelerando a vida coletiva. A pós-modernidade caracteriza-se pela fragmentação identitária, crise das metanarrativas e centralidade do consumo e da comunicação. Conclui-se que a sociedade contemporânea resulta da coexistência de estruturas modernas relativamente estáveis com dinâmicas pós-modernas fluídas, marcadas pela incerteza, conectividade e riscos ambientais no contexto sociocultural do século XXI.

Palavras-chave: modernidade; pós-modernidade; interpretações sociológicas; sociedade contemporânea; globalização.

1 Licenciado em Sociologia pelo Instituto Superior Politécnico Sinodal (ISPS); e investigador no Centro de Investigação e Desenvolvimento Local de ISPS, Lubango, Huíla, Angola. E-mail: julioCarlosjc0440291@gmail.com

2 Doutor em Ciências da Educação pela Universidade da Beira Interior-Portugal; Docente no Instituto Superior Politécnico Sinodal (ISPS); Coordenador do Centro de Investigação e Desenvolvimento Local de ISPS, Lubango, Huíla, Angola. E-mail: amerocha@yahoo.com.br

BETWEEN MODERNITY AND POSTMODERNITY: LIMITS AND SCOPE OF SOCIOLOGICAL INTERPRETATIONS IN CONTEMPORARY SOCIETY

Abstract: This article critically analyzes sociological interpretations of modernity and postmodernity in contemporary society, drawing on classical and contemporary theoretical contributions. The objective is to clarify concepts, delimit analytical approaches, and understand how these categories explain transformations in social organization, value systems, and subjective experiences. The study is justified by the need to interpret the impacts of rationalization, technology, and economic globalization. The methodology is qualitative, based on bibliographic and documentary research, using historical-logical and analytical-synthetic methods. The results indicate that modernity involves rationalization, reflexivity, and standardization of social time, reconfiguring institutions and accelerating collective life. Postmodernity is characterized by identity fragmentation, a crisis of metanarratives, and the centrality of consumption and communication. It concludes that contemporary society results from the coexistence of relatively stable modern structures with fluid postmodern dynamics, marked by uncertainty, connectivity, and environmental risks in the sociocultural context of the 21st century.

Keywords: modernity; postmodernity; sociological interpretations; contemporary society; globalization.

1 INTRODUÇÃO

A análise sociológica da modernidade e da pósmodernidade constitui um instrumento fundamental para compreender as transformações profundas que atravessam a organização social, os sistemas de valores e nas experiências subjetivas dos indivíduos na sociedade contemporânea. A modernidade não deve ser entendida apenas como uma categoria temporal ou histórica, mas como um conjunto de racionalidades, práticas e dispositivos institucionais que reconfiguram o tempo, o trabalho e as formas de organização social. Neste sentido, trata-se de um projeto histórico dinâmico, permanentemente redefinido por processos de mudança estrutural.

Entre os conceitos para a compreensão da modernidade tardia destaca-se o de aceleração social, que permite analisar a intensidade da velocidade das transformações tecnológicas, econômicas e sociais. Este fenômeno molda a experiência contemporânea do tempo, produzindo uma sensação generalizada de urgência, instabilidade e alienação, ao mesmo tempo que reforça expectativas normativas de eficiência, produtividade e adaptação contínua. A aceleração social revela, assim, como as relações entre indivíduos e estruturas sociais são reorganizadas no interior do projeto moderno (Castro Neto, 2021).

No debate sociológico sobre a pósmodernidade, diversos autores assinalam a emergência de tendências que desafiam os quadros explicativos clássicos da modernidade, nomeadamente a fragmentação das identidades, a crise das metanarrativas e a centralidade crescente do consumo. Estas

dinâmicas são particularmente visíveis na expansão das plataformas digitais e na consolidação de uma economia baseada na extração e processamento de dados, configurando um novo regime socioeconômico no qual valores de mercado e lógicas de vigilância corporativa passam a estruturar relações sociais e econômicas (Pizzul; Caliandro, 2025).

A lógica do capitalismo de vigilância intensifica este processo ao transformar os sujeitos em fontes contínuas de dados e em produtos preditivos, capazes de orientar os comportamentos e decisões. Tal dinâmica aprofunda assimetrias de poder e redefine a experiência social contemporânea, evidenciando que a pósmodernidade não constitui uma ruptura com a modernidade, mas antes uma reconfiguração complexa dos seus princípios fundamentais em novos contextos tecnológicos e econômicos (Zuboff, 2015).

2 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida neste artigo adota uma abordagem qualitativa, de natureza teórica, fundamentada em procedimentos de pesquisa bibliográfica. O estudo centra-se na análise crítica de livros e artigos científicos dedicados às problemáticas da modernidade e pósmodernidade, com o objetivo de sistematizar, interpretar e articular diferentes contributos sociológicos sobre o tema. A pesquisa bibliográfica possibilitou a reunião e integração de conhecimentos produzidos por diversos autores, promovendo uma compreensão aprofundada e contextualizada do objeto de estudo (Fachin, 2006, p. 120).

Do ponto de vista metodológico, foram utilizados de forma articulada os métodos histórico-lógico e de análise e síntese. O método histórico-lógico permitiu situar os conceitos modernidade e pós-modernidade nos seus contextos de emergência e o desenvolvimento, identificando continuidades, tensões e rupturas entre ambos os paradigmas, bem como a influência de processos históricos nas configurações contemporâneas da organização social (Susen, 2015). Complementarmente, o método de análise e síntese permitiu decompor os textos selecionados em categorias, analisar criticamente as ideias dos autores e integrá-las num quadro interpretativo coerente (Köche, 2009, p. 36).

A seleção das obras e dos autores obedeceu a critérios de relevância teórica, reconhecimento acadêmico, atualidade das publicações e diversidade conceptual. Foram priorizados textos publicados em periódicos científicos indexados, preferencialmente com DOI, bem como edições atualizadas de obras clássicas da Sociologia, assegurando a credibilidade, a consistência epistemológica e a rastreabilidade das fontes utilizadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A construção do conceito de modernidade na sociologia

O termo *moderno* deriva do latim *modernus*, significando aquilo que pertence ao tempo presente. No campo sociológico, contudo, a modernidade ultrapassa a noção de simples período histórico, configurando-se como um processo dinâmico de transformação social. Este processo envolve mudanças estruturais profundas nas instituições, modos de produção, relações de poder e sistemas de valores. Historicamente, a modernidade europeia emergiu entre a tomada de Constantinopla, em 1453, e a Revolução Francesa, em 1789, associando-se ao desenvolvimento do industrialismo e à reorganização cultural e social das sociedades ocidentais.

Do ponto de vista teórico, a modernidade caracteriza-se por uma reconfiguração das relações entre tempo e espaço, pela intensificação da reflexividade social e pela racionalização das práticas e instituições. Segundo Giddens (1990), estes processos impõem uma reorganização contínua das estruturas sociais e uma redefinição das experiências individuais, tornando a mudança uma característica permanente da vida social moderna.

As interpretações clássicas da modernidade, desenvolvidas pelos fundadores da Sociologia, evidenciaram o seu caráter ambíguo: Marx destacou as desigualdades estruturais e a exploração inerente ao capitalismo, ao mesmo tempo que vislumbrou na luta de classes a possibilidade de superação da ordem social vigente e a construção de um sistema humano. Durkheim analisou a transição das formas tradicionais para as modernas de solidariedade social, enfatizando os riscos de anomia, mas acreditando que o avanço do industrialismo poderia promover uma vida social mais integrada e moralmente regulada. Weber, por sua vez, apresentou uma visão mais pessimista, interpretando a modernidade como um processo paradoxal em que o progresso material se realiza à custa da expansão da racionalização e da burocracia, limitando a criatividade e a autonomia individual (Giddens, 2002).

Apesar de relevância dessas análises, os autores clássicos não anteciparam plenamente alguns dos efeitos mais problemáticos do desenvolvimento moderno. Embora reconhecessem as consequências degradantes do trabalho industrial, marcada pela disciplina e repetição, não previram o potencial destrutivo em larga escala, particularmente no que se refere à degradação ambiental (Giddens, 2002). De igual modo, o desenvolvimento do poder militar moderno revelou-se um fenômeno central não suficientemente problematizado. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918), vivenciada por Durkheim e Weber, expôs os limites das previsões de uma ordem industrial pacífica e integrada, desafiando os quadros interpretativos clássicos da modernidade (Vandenberghe, 2014).

Na Sociologia contemporânea, estas limitações deram origem a novas abordagens teóricas, entre as quais se destaca a teoria da modernidade reflexiva. De acordo com Beck, Bonss e Lau (2003), a modernidade entrou numa segunda fase, na qual as instituições, práticas e conhecimentos produzidos pela modernidade clássica passam a ser constantemente avaliados e reconfigurados à luz das consequências não intencionais do próprio desenvolvimento científico e tecnológico. Esta fase caracteriza-se por processos de destradicionalização, individualização e pela produção social de riscos, nomeadamente ambientais e tecnológicos, que desafiam as capacidades institucionais de regulação (Domingues, 1998).

Deste modo, a modernidade deve ser compreendida como um processo contínuo, paradoxal e reflexivo, no qual a racionalização e a emancipação coexistem com desigualdades estruturais, riscos globais e instabilidade social. Esta perspectiva permite interpretar a sociedade contemporânea não apenas como resultado histórico da modernidade, mas como um quadro analítico em permanente transformação, marcado pela autoavaliação crítica e pela reconfiguração constante das suas bases institucionais e normativas.

3.2 Modernidade, tempo e espaço

Para compreender as conexões entre a modernidade e a transformação das dimensões temporal e do espacial, é necessário contrastar inicialmente a relação tempo-espaço no mundo pré-moderno: Segundo Harvey (1989), as sociedades pré-modernas possuíam sistemas próprios de medir o tempo, como calendários agrícolas, que integravam fenômenos naturais e práticas sociais, estando indissociavelmente ligados ao contexto espacial. Nesta lógica, a indicação de “quando” algo ocorria dependia sempre de “onde” ou de eventos naturais regulares, sendo o tempo social inseparável do espaço vivido.

A introdução e difusão do relógio mecânico, a partir do século XVIII, promoveu uma ruptura radical nesta relação. A padronização temporal possibilitou a separação do tempo em relação ao espaço, criando uma temporalidade social abstrata e universalmente válida (Giddens, 2002; Rosa, 2019). Essa uniformização permitiu maior eficiência na organização do trabalho, na logística industrial e na coordenação de atividades em escala crescente, sendo crucial para a consolidação do capitalismo industrial.

Na modernidade tardia e na sociedade globalizada, essa transformação continua a produzir efeitos significativos. Rosa (2019) observa que a aceleração social gera compressão temporal, instabilidade nas trajetórias de vida e pressão constante por produtividade, reforçando a necessidade de interpretar a modernidade como um processo reflexivo e auto-transformativo. Harvey (1990) complementa que a “espacialização do tempo” molda desigualdades globais: embora a uniformização temporal favoreça a integração econômica, ela simultaneamente produz exclusão social e marginalização espacial.

Assim, a análise relação entre tempo e espaço na modernidade evidencia duas dimensões interligadas: a racionalização e coordenação social, por um lado, e os efeitos paradoxais sobre experiências individuais, relações sociais e desigualdades globais. Por outro, compreender essas transformações é essencial para apreender a lógica da sociedade contemporânea e os desafios característicos da modernidade reflexiva.

3.3 Interpretações da modernidade

A tradição desempenha um papel central na organização da ação humana e na experiência social, integrando o tempo e o espaço da comunidade. O passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações, inserindo atividades ou experiências individuais na continuidade entre passado, presente e futuro. Embora a tradição conserve elementos do passado, ela não é estática: deve ser reinventada a cada nova geração, que a adapta a novos contextos e realidades.

Nisbet (1996) observa que, em culturas orais, a tradição não é reconhecida como tal, apesar de estas culturas serem as mais conservadoras. A compreensão da tradição, distinta de outros modos de organizar a ação e experiência, exige, segundo o autor, a mediação da escrita, que permite penetrar no espaço-tempo de forma sistemática e reflexiva.

Com o advento da modernidade, a tradição passa a ser reinterpretada à luz da reflexividade característica da vida social moderna. Vattimo (1985) argumenta que a tradição justificada se torna, neste contexto, uma tradição “falsificada”, adquirindo identidade apenas por meio constante reavaliação crítica promovida pelo moderno. Práticas sociais são, assim, continuamente examinadas e reformuladas à medida que novas informações e conhecimentos emergem.

A modernidade é frequentemente compreendida como uma visão de mundo associada ao projeto do mundo moderno, desenvolvido ao longo da Idade Moderna e consolidado com a Revolução Industrial. Esse processo está intimamente ligado ao capitalismo e à racionalização econômica, mostrando que as transformações culturais são inseparáveis dos processos econômicos e tecnológicos, que moldam não apenas a produção, mas também a experiência do tempo e do espaço (Rosa, 2019).

O artigo evidencia a tensão central da modernidade: ela preserva tradições, enquanto, simultaneamente as transforma por meio da reflexividade. A tradição, longe de ser estática, é reavaliada e reinterpretada a cada geração, garantindo que práticas culturais permaneçam relevantes mesmo em contextos de rápida mudança social (Giddens, 1991). Essa reflexividade constitui um traço distintivo das sociedades modernas, em que as práticas sociais não apenas se reproduzem, mas se autointerrogam e se adaptam diante de novos

conhecimentos e realidades, como enfatiza Beck (2007) ao discutir os riscos e desafios da modernidade reflexiva.

Portanto, compreender a modernidade exige reconhecer sua natureza dialética: ela valoriza o passado e a tradição, mas impõe um exame crítico constante e adaptação das práticas sociais, demonstrando que a modernidade é simultaneamente conservadora e social, equilibrando continuidade e inovação.

3.4 Definição e conceito de pós-moderno

A pós-modernidade é um conceito da Sociologia histórica que designa a condição sociocultural e estética dominante a partir do final do século XX, marcada por eventos como a queda do Muro de Berlim (1989), o colapso da União Soviética e a crise das ideologias nas sociedades ocidentais. Essa condição caracteriza-se, entre outros aspectos, pela dissolução da referência à razão como garantia de compreensão do mundo por meio de esquemas totalizantes.

O termo “pós-modernidade” tornou-se amplamente utilizado, embora haja controvérsias quanto ao seu significado e à pertinência do conceito. Caso se reconheça que estamos entrando em uma fase pós-moderna, isto implica que a trajetória do desenvolvimento social desloca-se das instituições da modernidade para um novo tipo de ordem social, diferente e ainda em construção, fenômeno perceptível no cotidiano (Nicolaci-da-Costa, 2002). Ao contrário de transformações anteriores, cujos significados eram registrados apenas após consolidada, na pós-modernidade o próprio processo de redefinição de significados tornou-se visível em tempo real.

Os princípios considerados universais, aqueles aplicáveis em qualquer lugar do mundo, como o respeito pelas pessoas, honestidade, devolver o alheio, respeitar a privacidade dos outros, prioridade as pessoas com necessidades especiais e outros, que de forma resumida são fazer o bem evitar o mal, nos dias atuais são tidos como ultrapassados e uma chamada de atenção a jovens e adolescentes por muitos deles dizerem “isso era no vosso tempo”. É verdade que os tempos mudaram, mas os princípios que regem uma sociedade na sua maioria permanecem. Estes princípios não têm fronteiras nacionais, culturais, legais ou econômicas. Portanto, esses princípios devem guiar o pensamento e comportamento de todos os indivíduos (Carlos, 2024, p. 5).

A pós-modernidade insere-se em um contexto de mudanças aceleradas que afetam quase todos os aspectos da vida cotidiana. Para Giddens (2002), mesmo que o termo «globalização» possa parecer inadequado ou pouco atraente, ele descreve uma realidade inevitável e fundamental: nenhum indivíduo ou sociedade pode ignorar os efeitos de processos globais que moldam comportamentos, relações sociais e estruturas institucionais na contemporaneidade.

Assim, compreender a pós-modernidade implica reconhecer tanto a instabilidade e a pluralidade de significados quanto a coexistência de princípios duradouros que continuam a orientar a ação social, mesmo diante de transformações culturais, tecnológicas e econômicas rápidas e globais.

3.5 Características do pós-moderno

Segundo Eagleton (1996), a pós-modernidade apresenta características centrais que refletem mudanças profundas nas esferas cultural, econômica, social e política. Entre elas destacam-se: a propensão a ser dominada pela imaginação das mídias eletrônicas; colonização do universo cultural pelos mercados; a celebração do consumo como forma de expressão pessoal; a pluralidade cultural; a polarização social acentuada por desigualdades de rendas; e o colapso das metanarrativas emancipadoras, como aquelas advindas da Revolução Francesa – liberdade, igualdade e fraternidade.

Essas características manifestam-se na predominância do instante e na dissolução de fronteiras, criando a sensação de um mundo “cada vez menor” graças aos avanços da tecnologia. A circulação quase imediata de imagem, som e texto transforma a experiência social, bem como a percepção do espaço e do tempo, configurando um universo virtual em que as experiências se tornam fragmentadas e efêmeras (Bauman; Donskis, 2016).

No contexto urbano, a pós-modernidade se traduz em cidades fragmentadas e vendidas “aos pedaços”, marcadas por padrões de complexidade variados, onde – o efêmero, o fragmentário, o descontínuo e o caótico predominam. Sennett (1998) ressalta que a aceleração intensifica o consumo de forma inédita, tornando descartáveis desde objetos cotidianos até relações interpessoais. A publicidade manipula desejos, seduz e cria novos signos e imagens, valorizando aquilo que a mídia atribui ao transitório. A disseminação global das telecomunicações e da informática permite que imagens e eventos culturais sejam consumidos instantaneamente, promovendo a mercadificação de gostos e preferências (Castells, 2018).

Além disso, a pós-modernidade redefine os campos de conflito social. As lutas de classe tradicionais cedem lugar a formas difusas de competição por atenção, consumo e reconhecimento social. As populações marginalizadas aparecem principalmente em eventos de massa, refletindo desigualdades de participação e visibilidade, enquanto a energia de contestação se direciona para circuitos de consumo e performance social. Esse fenômeno evidencia a convergência entre tecnologia, economia e cultura na conformação da sociedade pós-moderna, trazendo novos desafios para a regulação social, a subjetividade e a construção da identidade (Harvey, 2000; Bauman; Donskis, 2016).

3.6 Testemunhas da pós-modernidade

As testemunhas da pós-modernidade incluem uma ampla gama de artefatos tecnológicos que ilustram como a experiência humana é continuamente reconfigurada. Entre eles destacam-se o DVD, o CD, o MP3, a clonagem, o implante de órgãos, próteses e órgãos artificiais, os quais desafiam a noção de originalidade ou naturalidade do ser humano (Silva, 2000). Estes dispositivos revelam a crescente mediação da biologia e a corporeidade pela tecnologia e informação, redefinindo limites e possibilidades da experiência humana (Rosa, 2019).

Além disso, invenções tecnológicas como o computador, o relógio digital, o telefone celular, as secretarias eletrônicas, o vídeo, os satélites, as redes digitais (HTTP, WWW), códigos de barras e cartões magnéticos “alimentam sonhos da era digital” (Neto, 2003, p. 35). Esses dispositivos não apenas transformam a vida cotidiana, mas também reorganizam os ritmos de trabalho, consumo, lazer e sociabilidade, criando um universo em que a velocidade da informação e da comunicação redefine o espaço e o tempo social (Castells, 2018).

A pós-modernidade também se manifesta nos “fantasmas e desvios” que permeiam diferentes dimensões da vida: no corpo (doença, AIDS), na mente (loucura), na natureza (catástrofe), na economia (queda das bolsas), na paixão (morte), no orgasmo (desprazer), no computador (vírus). Esses fenômenos simbolizam os paradoxos e riscos da sociedade pós-moderna, evidenciando que os avanços tecnológicos, embora ampliem o controle e a eficiência, também geram novos problemas existenciais, sociais e ambientais, exigindo análise crítica das consequências sociais, éticas e psicológicas destas inovações (Beck, 2007; Han, 2017).

Portanto, as testemunhas da pós-modernidade não devem ser entendidas apenas como objetos ou tecnologias isoladas, mas como símbolos de uma cultura marcada pela velocidade, pela artificialidade e pela vulnerabilidade. Elas evidenciam a interconexão entre tecnologia, corpo, economia e natureza, permitindo compreender a pós-modernidade como um regime social no qual a experiência humana é mediada por dispositivos e informações, redefinindo a própria noção de humanidade.

3.7 Interpretações da pós modernidade

As características da pós-modernidade configuram uma realidade amplamente vivida, embora, há poucas décadas, fosse difícil expressá-la em palavras. Até meados do século XX, especialmente no período pós-Segunda Guerra Mundial, predominante a percepção de estabilidade social e previsibilidade histórica. No entanto, os processos de mudança acelerados alteraram profundamente essa sensação, conferindo ao mundo traços típicos

da pós-modernidade, como fluxos intensos de informação, consumo e transformação cultural (Bauman; Donskis, 2016).

Segundo Deleuze, Guattari e Platôs (1997), a pós-modernidade opera como se o futuro se tornasse um espaço vazio, desprovido de garantias e direções claras. Essa condição transforma a experiência cotidiana em um exercício constante de adaptação, exploração de múltiplas alteridades e negociação de significados. O cotidiano pós-moderno manifesta-se nas práticas mais rotineiras: ao assistir televisão, consumir produtos como refrigerantes ou biscoitos, ou participar de rituais culturais aparentemente triviais, os indivíduos estão imersos em um universo complexo de relações de consumo, sociabilidade e significados que refletem a Nova Ordem Mundial e a sociedade de consumo (Rosa, 2019; Castells, 2018).

Essa perspectiva evidencia que a pós-modernidade não se limita a transformações estruturais, mas implica uma mudança profunda na experiência subjetiva. O efêmero, o fragmentário e o consumo passam a orientar a percepção da realidade, enquanto, a rotina diária, mediada por hábitos culturais e tecnológicos simboliza a integração entre tecnologia, cultura e economia. Assim, a sociedade pós-moderna reorganiza desejos, tempo e espaço social, redefinindo a relação dos indivíduos com o mundo à sua volta e construindo novas formas de experiência social e identidade.

3.9 Transição da modernidade à pós-modernidade

Enquanto a modernidade se caracterizava por estruturas sólidas e estriadas, com hierarquias visíveis, regras claras, barreiras e fronteiras definidas, a pós-modernidade apresenta-se como fluída ou lisa, marcada pela descentralização, pela organização em redes e pela ausência de limites rígidos. Muitos elementos que definiram o período moderno encontram-se em processo de dissolução, embora esse desaparecimento ocorra de forma gradual, resultante de processos complexos de fusão e diluição de estruturas, significados e instituições (Meyrowitz, 1999).

Essa transição reflete mudanças profundas na experiência social e na percepção do mundo. Nisbet (1966) ressalta citando o historiador Eric Hobsbawm, que “as palavras falam mais alto do que documentos”, sugerindo que transformações radicais ganham concretude quando novas palavras surgem ou antigos termos são reinterpretados para descrever realidades emergentes. Exemplo históricos incluem a Revolução Industrial e o crescimento do capitalismo entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX, que não apenas alteraram as estruturas econômicas e sociais, mas também produziram novos conceitos e significados linguísticos, refletindo a emergência de formas de pensar e agir compatíveis com a modernidade (Harvey, 1989; Beck, 2007).

A comparação entre modernidade e pós-modernidade evidencia contrastes centrais: enquanto a primeira se fundamentava em ordem, hierarquia e previsibilidade, a segunda se caracteriza pela flexibilidade, conectividade e incerteza. Compreender as sociedades contemporâneas exige, portanto, reconhecer simultaneamente continuidade e ruptura, estabilidade e fluidez. Essa análise permite perceber que a transformação pós-moderna não é apenas estrutural, mas também cultural e simbólica, manifestando-se na linguagem, nos conceitos e na experiência cotidiana dos indivíduos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou, sob perspectiva sociológica, os conceitos de modernidade e pós-modernidade, compreendendo-os como processos históricos e sociais interligados, marcados por continuidades, tensões e reconfigurações. A abordagem teórica adotada demonstrou que a modernidade não se limita a um período histórico encerrado, mas constitui um projeto em permanente transformação, cuja lógica racionalizadora, reflexiva e institucional continua a estruturar a sociedade contemporânea. A pós-modernidade, por sua vez, emerge como uma condição sociocultural que intensifica os paradoxos modernos, evidenciando a fragmentação das identidades, a crise das metanarrativas e a centralidade do consumo e das tecnologias digitais.

Os resultados da discussão indicam que a transição da modernidade para a pós-modernidade não deve ser interpretada como uma ruptura absoluta, mas como um processo de recomposição das formas de organização social, do tempo e do espaço. A análise do papel do relógio, da aceleração social e da compressão espaço-temporal evidenciou que tais transformações são fundamentais para compreender a experiência social nas sociedades modernas tardias, marcadas por instabilidade, fluidez e produção de riscos. Do modo semelhante, as interpretações sociológicas mobilizadas demonstram que a pós-modernidade redefine os modos de sociabilidade, de subjetividade e de conflito social, deslocando o eixo das lutas sociais e reconfigurando formas de poder e controle.

O objetivo do estudo foi alcançado, ao esclarecer as definições e interpretações centrais do moderno e do pós-moderno, articulando contribuições clássicas e contemporâneas da Sociologia. A sistematização teórica apresentada permite compreender que a sociedade atual resulta da coexistência entre estruturas modernas relativamente estáveis e dinâmicas pós-modernas fluidas, exigindo abordagens analíticas capazes de captar simultaneamente ordem e incerteza, racionalidade e fragmentação, tradição e reflexividade.

O estudo apresenta limitações por se basear exclusivamente em pesquisa bibliográfica e documental, sem dados empíricos que possibilitem observar concretamente a modernidade tardia e a pós-modernidade. A centralidade de referenciais europeus e norte-americanos restringe a compreensão do

fenômeno em outros contextos. Assim, pesquisas futuras devem investir em análises empíricas locais, sobretudo em contextos africanos e angolanos, integrando abordagens teóricas não hegemônicas com vista a uma Sociologia crítica, contextualizada, socialmente situada e reflexiva.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. **Modernidade líquida e sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BECK, U. **Mundo em risco**. Cambridge: Polity Press, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1057/9780230593879>.

BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. **Reflexive modernization: politics, tradition and aesthetics in the modern social order**. Cambridge: Polity Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1177/0263276403020002001>.

CARLOS, J. Impacto das redes sociais sobre o papel dos ondjangos na regulamentação social. **RAC: Revista Angolana de Ciências**, v. 6, n. 2, e060207, 2024. DOI: <https://doi.org/10.54580/R0602.07>.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CASTRO NETO, J. F. de. Aceleração social na modernidade tardia: a estrutura psicopatológica da alienação segundo a reflexão sociológico-filosófica de Hartmut Rosa. **Revista Sem Aspas**, v. 10, e021004, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v10i00.15171>.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Capitalismo e esquizofrenia**. v. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

DOMINGUES, J. M. Modernidade, tradição e reflexividade no Brasil contemporâneo. **Tempo Social**, v. 10, n. 2, p. 209-234, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/ts.v10i2.86789>.

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FACHIN, L. C. **Pesquisa, ciência e conhecimento: introdução à metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista – UNESP, 1991a.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade: o eu e a sociedade na era moderna tardia**. Stanford: Stanford University Press, 1991b.

GIDDENS, A. **Mundo desgovernado: como a globalização está remodelando nossas vidas**. Nova Iorque: Routledge, 2002a.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2002b.

HAN, B.-C. **A sociedade do cansaço**. Lisboa: Relógio d'Água, 2017.

HARVEY, D. **A condição da pós-modernidade: uma investigação sobre as origens da mudança cultural**. Oxford: Blackwell, 1989.

HARVEY, D. **Espaço e capital: a produção social do espaço**. São Paulo: Loyola, 2000.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2009a.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teorias da ciência e iniciação à pesquisa**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009b.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MEYROWITZ, J. Permeabilidades globais. In: LARRETA, E. R. (org.). **Mídia e percepção social**. Rio de Janeiro: UNESCO; ISSC; EDUCAM, 1999a. p. 1-20.

MEYROWITZ, J. **Redes e sociedade: a transformação da comunicação e da cultura**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999b.

NETO, J. **Era digital e cultura tecnológica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

NETO, M. B. **Geografia: textos, contextos e pretextos para o planejamento ambiental**. 1. ed. Guarabira: Gráfica São Paulo, 2003.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 3, p. 233-240, 2002.

NISBET, R. A. **A tradição sociológica**. Nova Iorque: Basic Books, 1996.

PIZZUL, D.; CALIANDRO, A. Mapeando a literatura sobre capitalismo de vigilância: rumo a uma agenda de pesquisa empírica. **First Monday**, v. 30, n. 5, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5210/fm.v30i5.13595>.

ROSA, H. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho na nova economia**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SILVA, P. **Tecnologia e transformação humana**. Lisboa: Edições 70, 2000.

SUSEN, S. **O “turno pós-moderno” nas ciências sociais**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1057/9781137318237>.

VANDENBERGHE, F. Globalização e individualização na modernidade tardia. **Mediações – Revista de Ciências Sociais**, v. 19, n. 1, p. 292-312, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2014v19n1p292>.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

ZUBOFF, S. Big other: capitalismo de vigilância e as perspectivas de uma civilização informacional. **Journal of Information Technology**, v. 30, n. 1, p. 75-89, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1057/jit.2015.5>.